

ALBERTO GUERREIRO RAMOS

Reflexão preliminar sobre sua trajetória intelectual, em homenagem póstuma*

JOÃO EURICO MATTA**

Imponente figura de mulato escuro, baiano de Santo Amaro da Purificação, nascido em 1915, Alberto Guerreiro Ramos faleceu aos 67 anos, vítima de câncer, no dia 6 de abril do corrente, em Los Angeles, Califórnia, EUA — cidade onde fixou domicílio desde 1966. Nessa época era professor visitante da Escola de Administração Pública da Universidade do Sul da Califórnia, onde mais tarde se tornaria *full professor*.

Quinze anos depois, em 1981, circulava no Brasil como professor visitante, cientista social no campo da administração, prestando serviços à Universidade Federal de Santa Catarina. Assim a vida desse intelectual notável, talento versátil, emérito fumador de charutos e tomador de chimarrão, mas espírito amante da controvérsia, é singularmente marcada por saltos surpreendentes e idiosincrasias de grande impacto psicológico.

Na sessão deste Conselho Estadual de Cultura em que se faz o primeiro registro de seu falecimento, o conselheiro e romancista Wilson Lins recordou o jovem poeta e o companheiro militante da juventude integralista, o Guerreiro Ramos que conheceu na Salvador de fins dos anos 30, início dos 40. Em artigo publicado em *A Tarde* de 16 de abril, o conselheiro Thales de Azevedo reiterava seu registro lembrando, daquele período, os escritos do moço, entre os quais um estudo sobre a idéia de cultura, que publicou em colaboração com Afrânio Coutinho. Lembro que, em 1935, Guerreiro Ramos, aos 20 anos, medrava ânimo, novo, de brasilidade e baianidade acopladas com idéias de modernização social, econômica e administrativa, entre os intelectuais baianos — Afrânio era um deles — que escreviam nos poucos números da *Revista da Bahia*, “publicação mensal mantida pela Caixa Econômica” em nossa terra. Mas o jovem santamarense preferiu, como o fizeram Afrânio Coutinho e tantos outros, mudar para

* Palestra realizada no Conselho Estadual de Cultura, Bahia, em 30 de abril de 1982.

** Professor na Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia e Membro do Conselho Estadual de Cultura da Bahia. (Endereço do autor: Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia — Campus Universitário — Vale do Canela — 40000 Salvador, BA.)

o Rio de Janeiro. A criação do Dasp pela ditadura Vargas, em 1938, o atraiu, à semelhança do que ocorreu, na mesma ocasião, com o jovem Celso Furtado. Enquanto estudavam direito no Rio, ambos ingressaram no serviço público federal. No início dos anos 40, o mesmo sucederia, por exemplo, ao bacharel em direito Hélio Beltrão, quando ingressou por concurso, e tendo primeiro lugar, no IAPI, recém-criado por Vargas.

Conheci Guerreiro Ramos em Salvador, no segundo semestre de 1957, quando assisti, estudante de direito aos 22 anos, a uma festejada e polêmica série de palestras no Salão Ruy Barbosa do prédio da praça Teixeira de Freitas, ainda sede da faculdade de direito de nossa ainda Universidade da Bahia, a federal.

Em 1955 ele fez conferência na Universidade de Paris sobre o mesmo tema, problemas e caminhos para uma “sociologia brasileira”, e com o mesmo vigor que se diz ter impressionado Pitirim Sorokin. Aos 40 anos, Guerreiro era, na época, técnico de administração do quadro permanente do Dasp, por concurso que o promovera em 1949, e professor de sociologia da Escola Brasileira de Administração Pública, a EBAP, criada em 1952 na Fundação Getúlio Vargas.

No ano seguinte, em 1956, assumiria a responsabilidade de chefe do Departamento de Sociologia do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb), entidade criada no Ministério da Educação e Cultura na transição do governo Café Filho para o de Juscelino Kubitschek. Originário do chamado Grupo de Itatiaia — os intelectuais fundadores do Ibsp — do qual o Iseb surgira para formular e difundir, de modo brilhante, mas também festivo e publicitário, uma ideologia brasileira da industrialização, do neocapitalismo e do nacionalismo. No Iseb se reencontrariam intelectuais maduros, de idéias políticas heterogêneas, alguns também originários da antiga ação integralista, entre eles Roland Corbisier, diretor do instituto, e o próprio Guerreiro Ramos — mas todos tocados pelo nacionalismo.

Em geral as publicações do Iseb, de 1957 a 1959, adotaram um estilo exortatório, apaixonado e panfletário, como o da conferência de dezembro de 1955 em que Roland Corbisier, sob o título Formação e problema da cultura brasileira, argüia:

“... A industrialização do país requer a formação de técnicas capazes de projetá-la e dirigi-la(...) Exige, ainda, além da formação de técnicos, de economistas, de engenheiros e médicos, a formação de políticos...”¹

Neste texto não aparecem os advogados, porque os intelectuais “isebianos” eram useiros na crítica ao dito “bacharelismo” brasileiro. Diz Corbisier:

“A tomada de consciência de um país por ele próprio não ocorre arbitrariamente, nem resulta do capricho de indivíduos ou de grupos isolados, mas é um fenômeno histórico que implica e assinala a ruptura do complexo colonial.”²

O Iseb rejeitava a tese do materialismo histórico marxista, como afirma seu diretor, no citado texto;³ mas em lugar de teses idealistas propunha uma espécie de dialética do pragmatismo, a julgar pelos textos de seus gurus estrangeiros, devidamente *repensados* em face da *realidade* brasileira: da *Historiologia*, de Don José Ortega y Gasset, passando pela *Sociologie de la dépendence*, de Georges Balandier, até o *Phénomènes sociaux totaux*, de Georges Gurvitch, e o *Le colonialisme est un système*, de Jean Paul Sartre.

¹ Corbisier, Roland. *Formação e problema da cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Iseb, 1959. p. 85.

² Id. *ibid.* p. 41 e 82.

³ Id. *ibid.* p. 83.

Em julho de 1959, o número 13 da revista *Ângulos* do Centro Acadêmico Ruy Barbosa, da Faculdade de Direito — órgão cultural que eu dirigira no ano anterior — publicava um excerto de Guerreiro Ramos sobre A consciência crítica da realidade nacional e um artigo meu sobre a “luta ideológica” entre cientistas físicos, os soviéticos em foco: a sociologia do conhecimento de Karl Mannheim é fonte de ambos os textos. Em dezembro de 1958, em meu discurso de orador da turma de bacharéis em direito, publicado em 1959, eu dedicava alguns parágrafos e rodapés à obra de Guerreiro Ramos no Iseb, notadamente seu livro daquele ano, *A redução sociológica*. Este livro admirado saía gentilmente com dedicatória “aos estudantes e professores da Universidade da Bahia, pelo acolhimento às idéias aqui expostas”, com “a gratidão do autor”. Mas aquele discurso, com a linguagem do menino de 23 anos, fazia reservas com relação ao que chamava de “emocionais ufanismos” e “patriotadas fascistóides”, antevendo os conflitos que desaguariam na “crise do Iseb” de 1959, referida em rodapé na edição do ano seguinte.⁴

Do Iseb, Guerreiro Ramos se desligaria em 1959, em meio a calorosa polêmica em torno do livro *O nacionalismo na atualidade brasileira*, de seu colega Hélio Jaguaribe Gomes de Mattos, chefe do Departamento de Ciências Políticas do Iseb. Este seria extinto pelo governo Castello Branco, em 1964; e em 1965 o professor da Fundação Getúlio Vargas e deputado federal pelo PTB do Rio de Janeiro, Alberto Guerreiro Ramos, teve o seu mandato cassado e suspensos os seus direitos políticos. Não sem antes ter travado uma polêmica acerba com intelectuais, facções comunistas e grupos de extrema esquerda política, do que dá testemunho seu livro mais veemente, como polemista, *Mito e verdade da revolução brasileira*.⁵ Aí se encontra uma profissão de fé anticomunista, que se repetirá em termos específicos, no seu último livro a *Nova ciência das organizações*.⁶ (Um livro póstumo, a coletânea *Administração e contexto brasileiro*, está no prelo.)

Em suas propostas nunca houve lugar favorável às experiências históricas de socialismo ou comunismo tais como a civilização do século XX as tem conhecido. É provável que também isto o tenha feito amargar ainda mais a vicissitude da cassação política. E como a Universidade do Sul da Califórnia o convidou, radicou-se nos EUA. Curioso é que este centro universitário norte-americano, que foi a segunda *alma mater*, desde 1952, da nova geração de professores da EBAP, o foi também a partir de 1959, do jovem corpo docente (ao lado da Universidade do Estado de Michigan) da Escola de Administração da Universidade Federal baiana, criada pelo saudoso reitor Edgard Santos mediante convênio de que também fez parte, como signatário, o presidente, aliás perpétuo, da Fundação Getúlio Vargas e antigo primeiro diretor-geral do Dasp, o gaúcho Luiz Simões Lopes.

Naqueles anos, 1959 e 1960, a influência de Guerreiro Ramos se fazia sentir, na Bahia, nos artigos de Antonio Luiz Machado Neto, seja na imprensa diária local, seja nos números 14 e 15 da revista *Ângulos*. De minha parte os estudos de mestrado em Los Angeles me fizeram conviver ali, por dois anos, com o corpo docente da escola que acolheria Guerreiro Ramos nos anos 60 até sua

⁴ Matta, João Eurico. *Direito, humanismo e liberdade*. Bahia, 1959. p. 9-10 e 35.

⁵ Guerreiro Ramos, Alberto. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, 1963.

⁶ Guerreiro Ramos, Alberto. *A nova ciência das organizações — uma reconceituação da riqueza das nações*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1981.

morte este ano, notadamente o falecido John M. Pfiffner e o Prof. Frank P. Sherwood, amigos comuns.

Em 1961 a primeira escola de administração baiana se instalava no prédio que fora da faculdade de direito, hoje ocupado pela Justiça Federal na Bahia. Desde então, ali ou no prédio novo de 1974, nossos alunos de administração têm tido oportunidade de estudar a obra sociológica do baiano Alberto Guerreiro Ramos, com a contribuição, inclusive, da disciplina sociologia da organização, ministrada pelo Prof. Emmanuel Matta, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Afinal, Guerreiro Ramos bacharelou-se em direito, mas também o fez em ciências sociais, pela Faculdade Nacional de Filosofia. Entretanto, é de sua obra, especialmente das fases características de sua *trajetória intelectual* — como ele próprio a chamou em 1981⁷ — que gostaríamos de falar, a seguir, em reflexão preliminar.

Nossa proposição é de que a obra sociológica de Guerreiro Ramos compreende quatro fases, as três últimas tendo sido identificadas por ele próprio no prefácio da edição brasileira de seu último livro, de 1981. Isto se faz um verdadeiro convite aos comentários ou às glosas marginais aqui sugeridas, ou que outros estudiosos poderão elaborar.

A *primeira fase* vai de 1944 a 1950. Começa com a publicação de *Aspectos sociológicos da puericultura*, em 1944, passa pelos artigos publicados em periódicos e revistas especializadas no imediato após II Guerra — especialmente a *Revista do Serviço Público*, do Dasp, até o lançamento, em 1950, da *Sociologia do orçamento familiar* e a edição oficial de sua tese de concurso no Dasp, intitulada *Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho* (ensaio de sociologia do conhecimento), republicada em 1952. As edições mexicanas de *Relaciones humanas del trabajo* (1954) e *Sociología de la mortalidad infantil* (1955) são como que apêndices ou conseqüências, no estrangeiro, dessa primeira fase.

Os principais artigos dos anos 40 não são os divulgados pelo Suplemento de *O Jornal*, de 26 de janeiro, 16 de fevereiro e 2 de março de 1947, a saber: Sociologia da liberdade, A instituição da liberdade e Caminhos da segurança. São mais sistemáticos os artigos publicados pela *Revista do Serviço Público* do Dasp: em julho de 1946, “Administração e política à luz da sociologia; no número de agosto/setembro do mesmo ano, A sociologia de Max Weber, de que ele se jactava nos anos 60 por ter sido o primeiro texto publicado no Brasil sobre o assunto; em outubro/novembro de 1946, A divisão do trabalho social; em dezembro, Notas sobre planificação social; e em janeiro/fevereiro de 1947, A hipótese da demora cultural.

A obra mais significativa desse período parece-me ter sido a tese do concurso de 1949 para promoção no Daps, editada em 1950, porque opera como um arremate da aplicação intelectual de seu autor, com admirável bibliografia, na década precedente. Neste livro de 160 páginas dedicado, entre outros, a Rômulo de Almeida e a Abdias Nascimento, que se faria célebre com o *Teatro experimental do negro*, logo ressaí a poderosa influência dos escritos de Karl Mannheim e Max Weber na *forma mentis*, no modo de pensar sociológico de Guerreiro Ramos, inclusive por estarem ambos *sob crítica*. Ainda sob o impacto dos valores de *eficiência e economia e racionalidade mecânica ou instrumental* que orientaram o chamado industrialismo, a teoria clássica da organização e a criação do Dasp,

⁷ Id. *ibid.* p. XVI.

Guerreiro dá, entretanto, fortes sinais de estar plantando a mentalidade crítica que nele a fenomenologia de Husserl fará despertar nos anos 50 e 60. Dessa maneira não é difícil religar essa obra de 1950 a seus dois outros momentos maiores, *A redução sociológica* (1958 e 1965) e a *Nova ciência das organizações* (1981).

A segunda fase começa em dezembro de 1951, com a publicação da Nota metodológica publicada no n.º 85 do *Digesto Econômico*, e com a produção, a partir de 1952, das magníficas apostilas do Curso regular de sociologia, do bacharelado (formação) em administração pública da EBAP, Fundação Getúlio Vargas. Sua crítica aos “desvios” conservadoristas da sociologia de Augusto Comte é dessa fase em que se apaixona pelo engajamento da teoria social pré-comteana, ou por sua “vinculação com a prática social”. Exemplo da qualidade admirável desses textos é a apostila 3.01, *Situação atual da sociologia* (notas). Guerreiro Ramos caracteriza esse período como de “Análise da ciência social européia e da norte-americana, bem como do marxismo e do paramarxismo”. Inclui nele sua produção isebiana e mais o texto de 1963 que assinala sua rebeldia contra o Iseb. Mas os dois momentos maiores dos anos 50 são o combativo *Introdução crítica à sociologia brasileira*, coletânea de 1957 (Editorial Andes Ltda.) e *A redução sociológica*, publicação do Iseb em 1958.

No prefácio da edição de 1965 desse último livro o próprio Guerreiro Ramos sublinha os três sentidos básicos de seus exercícios metodológicos com a *epoché*, os “parênteses” da fenomenologia de Edmund Husserl:

1) Buscar uma “*atitude imprescindível à assimilação crítica da ciência e da cultura importadas*”.⁸

Produtos dessa busca são os textos reunidos nas 220 páginas da introdução de 1957, citada: a *Crítica da sociologia brasileira*; a *Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo*; os *Documentos de uma sociologia militante*, nos dois últimos afirmando “o problema do negro na sociologia brasileira”. A estes acrescenta-se a entrevista da *Última Hora*, 7 de junho e 28 de julho de 1956, Sobre a crise brasileira e a sociologia no Brasil.

Aqui aparece a linguagem virulenta contra a dita “patologia social do branco brasileiro” ou de agressão aos que Guerreiro, ressentido, chama de *franzboas-boys*, *herskovits-boys* e *wagley-boys*.⁹ Aqui suas diferenças com Gilberto Freyre e as increpações contra a “sociologia enlatada” e a “sociologia consular”. Diz ele, salientando o exemplo de Abdias Nascimento, por “viver dialeticamente a *negritude*”.

“... Meus estudos foram sempre comandados pela necessidade de compreender ou resolver problemas: mortalidade infantil, administração de negócios governamentais, organização social de negros, ação política, agressões pessoais, etc. Meu lema é e será sempre o de Napoleão: ‘on s’engage, et puis on verra’.”¹⁰

É o autor emocionalizado da “história sincera dos estudos sobre o negro do Brasil”,¹¹ freqüentemente usando, em todo o livro, a expressão latina *sine ira ac*

⁸ Id. *ibid.* p. XVI. Esses três sentidos básicos são também apresentados na obra do mesmo autor, *A redução sociológica* (2. ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1965. p. 16), com outra redação.

⁹ Guerreiro Ramos, Alberto. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro, Andes, 1957. p. 211.

¹⁰ Id. *ibid.*, p. 214.

¹¹ Id. *ibid.* p. 127 e segs.

studio, como a revelar a *cabeça quente* e o *wishful thinking* que tanto lhe dão brilho como o fazem cometer desatinos ou diatribes. Nem “o nosso grande Vinícius de Moraes”, diz ele, escapa da “ideologia da brancura” ou da “contingência imperialista”, em versos “puramente dionisíacos”, como estes que transcreve:

“E eu que era um menino puro
Não fui perder minha infância
No mangue daquela carne!
Dizia que era morena
Sabendo que era mulata
Dizia que era donzela
Nem isso não era ela
Era uma moça que dava”...

Neste contexto incrimina Jorge de Lima e elogia o dezenovesco Luiz Gama, cujos versos à mulher negra compara com os dos poetas negros modernos, libertados ou livres da “contingência imperialista”, como Aimé Césaire e Léopold Sédar-Senghor, de quem transcreve, o *Femme-noire*:

“Femme nue, femme noire!
Vétue de ta couleur qui est vie de ta forme qui est beauté!
... Femme nue, femme noire!
Je chante ta beauté qui passe, forme que je fixe dans l'éternel
Avant que le destin jaloux ne o réduise en cendreu pour nourrir.”
(Les racines de la vie)¹²

A linguagem isebiana está pré-lançada: “a sociologia como instrumento de auto-determinação”; “a industrialização como categoria sociológica”; “para uma sociologia em *mangas de camisa*”, expressão de empréstimo a Tobias Barreto.

São de 1957 os dois opúsculos isebianos de Guerreiro sobre *Ideologias e segurança nacional* (50 p.) e *Condições sociais do poder nacional* (38 p.). Textos típicos daquela militância, daquele engajamento algo atropelado, por vezes insolente e até bombástico. É no primeiro que, entre afirmações provocativas sobre as forças armadas nacionais, surge a assertiva, de que “a ideologia da segurança nacional, no momento atual, é, em essência, a mesma do capitalismo brasileiro em formação, cuja defesa ativa lhe incumbe”.¹³

Depois do rompimento com o Iseb ocorre a viagem à China continental, à Iugoslávia e à URSS, em 1960. No ano seguinte Guerreiro Ramos é membro da delegação brasileira à Assembléia Geral da ONU. Também de 1961 é a publicação, pela Zahar, do texto *A crise do poder no Brasil*. Enfrenta as hostilidades do novo diretor executivo do Iseb, seu antes colega Alvaro Vieira Pinto, e de vários grupos e correntes de esquerda. Não esconde suas insatisfações com o marxismo e com sua práxis política e institucional na URSS e na China. Sua posição partidária é leal, por suas próprias palavras em 1963, “ao saudoso Presidente Vargas, mestre do realismo político, fundador do trabalhismo brasileiro”. Esta dedicatória aparece no livro de combate que é, em 1963, o *Mito e*

¹² Id. *ibid.* p. 197.

¹³ Guerreiro Ramos, Alberto. *Ideologias e segurança nacional*. Rio de Janeiro, MEC/ Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1957. p. 50.

verdade da revolução brasileira, no qual se lê, sobre Alvaro Vieira Pinto, a seguinte verrina: “Depois de ter sido o filósofo tardio do Iseb, tornar-se-á o teórico crepuscular do PCB. É homem de fim de festa.”¹⁴

Nesse documento de 1963 é que se encontra, no capítulo 6, a semeadura da noção de *atitude parentética*, ou do conceito de *homem parentético*, como formas de escapar da força massificante das organizações mamutes e de sua *lei de bronze* das oligarquias, formulada por Michels. Guerreiro Ramos cita, então, Proudhon, preso em 1850: “A espécie humana quer ser governada; ela o será. Tenho vergonha de minha espécie.”¹⁵

A *terceira fase* de seu itinerário de sociólogo se explicará pelo que o próprio Alberto Guerreiro Ramos considerou o “segundo sentido” de seu exercício metodológico *via* Husserl e Mannheim. Leia-se como segue:

2) Buscar “*adestramento cultural sistemático, necessário para habilitar o indivíduo a resistir à massificação de sua conduta e às pressões sociais organizadas*”.¹⁶

Esse período da fecunda trajetória intelectual sob pesquisa começa com um volumoso livro (450 p.), escrito ainda no Brasil, a partir de 1964, sob co-patrocinio de uma doação da Fundação Ford (à semelhança da que também recebeu nossa Escola de Administração da UFBA, em 1963) com o apoio total da EBAP, Fundação Getúlio Vargas. Quando termina esse livro, Guerreiro está punido severamente pelo governo Castello Branco e está arrumando malas com destino ao que não veio a ser um exílio voluntário nos EUA. No prefácio dessa obra publicada pela FGV em 1966, datado pelo autor em 3 de janeiro, o clima é de despedida do Brasil. Obra alentada, *Administração e estratégia do desenvolvimento, elementos de uma sociologia especial da administração*, é cuidadosa e densa pesquisa bibliográfica sobre os grandes tópicos da especialidade, em meados dos anos 60, e para isso houve ajuda de pesquisadores da EBAP. O coordenador destes escreve agora: “A regra estratégica de Napoleão — “os s’engage, puis on voit” — é também a regra do administrador.”¹⁷

Curiosamente, para quem nos anos 50 criticou a erudição livre dos sociólogos brasileiros dos séculos XIX e XX, a nova circunstância obriga-o a escrever uma obra do tipo “atualização”, do tipo *up to date*. À primeira vista. Porque, no fundo, o exercício relativamente cômodo de *colocar-se entre parênteses* não o afasta de repensar o Brasil como categoria de totalidade sociológica: o capítulo 6 do livro, O formalismo, no Brasil, como estratégia para mudança social, tem 100 páginas, às quais deve adicionar-se o Apêndice III. É esse mesmo homem que, mesmo magoado, insiste em reflexões sobre o Brasil, ao qual retornará em 1981, em trânsito, a serviço da Universidade de Santa Catarina, para de novo pensar e publicar sobre o Brasil. O *Jornal do Brasil* publicou em caderno especial, em 21 de dezembro de 1981, seu artigo Imagens da historiografia brasileira: as confusões em torno do industrialismo. Depois desse Natal de 81, o retorno a Los Angeles seria também o ingresso no hospital que o viu morrer.

A partir de 1966 e nos anos seguintes a produção intelectual desse santo-amarense de origem — em busca da *atitude* e do *modelo* de homem parentático — será escrita ou publicada em inglês, e terá que ser traduzida para o português. Falo

¹⁴ Guerreiro Ramos, Alberto. *Mito e verdade da revolução brasileira*. op. cit. p. 215.

¹⁵ Id. ibid. p. 161.

¹⁶ Guerreiro Ramos, Alberto. *A nova ciência das organizações...* op. cit. p. XVI.

¹⁷ Guerreiro Ramos, Alberto. *Administração e estratégia do desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1966. p. 207.

em tese. O que agora vai interessá-lo, sem por certo esquecer o Brasil, é o ser humano como ente planetário, o cosmopolita que polui o ambiente da própria “astronave Terra” ou a “aldeia global” onde é co-piloto, entre a primeira, segunda e terceira ondas de tecnologia.

No Instituto de Assuntos Mundiais da Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles, onde mora com Dona Clélia e seus dois filhos, em março de 1967, Guerreiro Ramos apresenta o trabalho *A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade*.¹⁸ A categoria sociológica atuante passa a ser o mundo. Não há paranóia nisso, porque em 1967 e 1968 ele participa de um microestudo, por sua lealdade à EBAP: é uma pesquisa de campo sobre a evolução institucional da escola, sob coordenação de Frank P. Sherwood, cujo relatório aparece no n.º 3 da revista.¹⁹ Mas agora, para um autor de epígrafes e motes, aparece o *Sermão da montanha*:

“Não vos inquieteis, pois, pelo dia da amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo.”

O tema desse ensaio é menos a teoria da mudança, do que a teoria de *mudar* social — e é Warren Bennis, avatar da tecnologia chamada de desenvolvimento organizacional, que é citado. Combate-se o evolucionismo metafísico do século XIX, linear e colonializante. Defende-se o pluralismo de caminhos e o probabilismo de uma teoria *P* versus uma teoria *N* da mudança, a primeira contingencialista, a segunda causalista. Lembra-se que William James foi influenciado por Charles Renouvier, que em 1857 publicou — diz Guerreiro — um “livro extraordinário” sobre *Uchronie (L’Utopie dans l’histoire, esquisse historique apocryphe du développement de la civilisation européenne tel qu’il n’a pas été, tel qu’il aurait pu être*. E na mesma trincheira será posto um autor da estima de Ramos: Georges Gurvitch, com seu *Déterminismes sociaux et liberté humaine*.

Em seguida, é de 1970 o estudo que apresentou à Universidade do Texas sobre *A nova ignorância e o futuro da administração pública na América Latina*, publicado em português no n.º 2, daquele ano, da multicitada *Revista de Administração Pública*, da FGV. É momento em que Guerreiro Ramos se apercebe de uma estonteante transição histórica, no mundo e na América Latina, o que o faz lembrar-se do conceito de *docta ignorantia* de Nicola de Gusa, agora vertido em *learned ignorance*. Esta é a postura da práxis de Hegel, que se transubstancia no método de *pesquisa de ação*, do famoso psicólogo social alemão Kurt Lewin, morto em 1947 nos EUA, onde se radicara em 1933. Um método para experiência educativa e para resolução de problemas de cotidiano. Valores desse tipo emergem, para alívio moral nessa transição histórica: o do compromisso com o mundo; o de engajamento no crescimento humano; o do compromisso com a legitimidade, com a legalidade, com a lei. Reaparece então a importância do jurista, do constitucionalista. Guerreiro Ramos — e aqui vai uma crítica que

¹⁸ Guerreiro Ramos, Alberto. *A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade*. In: *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, p. 7-42, 2.º sem. 1967.

¹⁹ Sherwood, Frank P. Intercâmbio social no processo de institucionalização de uma organização — a Escola Brasileira de Administração Pública: os atrativos que oferece e os ônus que impõe. In: *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 3:47-98, 1.º sem. 1968.

faço — parece compreender mais agudamente esse processo, o de busca de legitimidade, do que aqueloutro da *reaprendizagem organizacional*. Será um seu ponto menos forte, nos anos 70, o de ter entendido o alcance do livro *Beyond the stable state*, de seu colega da USC, Donald Schön, sem ter aprofundado o estudo das pesquisas deste com o Prof. Chris Argyris, a partir de 1974.

Por fim, um texto de 1972 é central para o entendimento dessa terceira fase, desenvolvida nos EUA, da contribuição sociológica de Alberto Guerreiro Ramos. É o artigo *Models of man and administrative theory*, publicado no n.º 3, maio/jun. de 1972, da *Public Administration Review*. Aqui os exercícios de postura parentética levam o pesquisador a sugerir, explicitamente, que a teoria da organização ou das organizações não mais prestigie o conceito weberiano de *racionalidade funcional*, que é fruto ideológico da economia de mercado e que esmaga o indivíduo e seu grau de liberdade em favor de entidades supra-individuais. Há que exumar-se a razão *noética*, ou *substantiva*, que é possível alcançar na vida social, através do exercício contínuo e sistemático da atitude parentética.

Por tais meandros, em fuga de aporias, eis a *quarta fase* da trajetória mental de Guerreiro Ramos: ela corresponde à seguinte *diretriz* da redução, ou da *epoché* sociológica:

3) Buscar a “*superação da ciência social nos moldes institucionais e universitários em que se encontra*”, em nossos dias.²⁰

Esta quarta fase começa com o livro, concluído em 1980 e publicado no Canadá em 1981, *A nova ciência das organizações, Uma reconceituação da riqueza das nações*. No prefácio da edição brasileira dessa derradeira obra nas livrarias, lê-se que “este livro é resultado de minhas pesquisas sobre a redução sociológica no terceiro sentido”,²¹ de algum modo antecipadas pelas análises do conceito de *racionalidade*, feitas em 1966, aos 51 anos de seu autor. Este vai adiante: “é produto de cerca de 30 anos de pesquisa e reflexão. Mas (...) apenas começa uma nova fase de explicação da proposta de trabalho teórico e operacional, que espero consumir durante o resto de minha vida.”²²

Neste pequeno livro admirável, onde há tanto por continuar, rever, corrigir, completar, senão pelo menos discutir, Guerreiro Ramos parte de uma crítica da *razão moderna*, adjetiva e instrumental — na obra de Max Weber, de Karl Mannheim e da escola de Frankfurt — em procura de uma teoria substantiva da vida humana associada. Reduz à ideologia o modelo de mercado da economia concebida por Adam Smith e seguidores, buscando formular um *paradigma paraeconômico*, isto é, uma paradigma delimitativo da própria economia, para abranger a esta e a outros sistemas sociais. A economia de mercado é produto de um conceito de racionalidade formal, mecanomórfica que deve ser substituído por um conceito de racionalidade substantiva. Com isso a riqueza das nações terá que ser reconceituada, pois os dois modelos são antinômicos, embora não-incompatíveis, nos termos em que Guerreiro Ramos os define, esquematicamente, na página 29 do livro.

²⁰ Guerreiro Ramos, Alberto. *A nova ciência das organizações...* op. cit. p. XVI.

²¹ Id. ibid. p. XVII.

²² Id. ibid. p. XVII.

Quadro 1

Teoria da vida humana associada

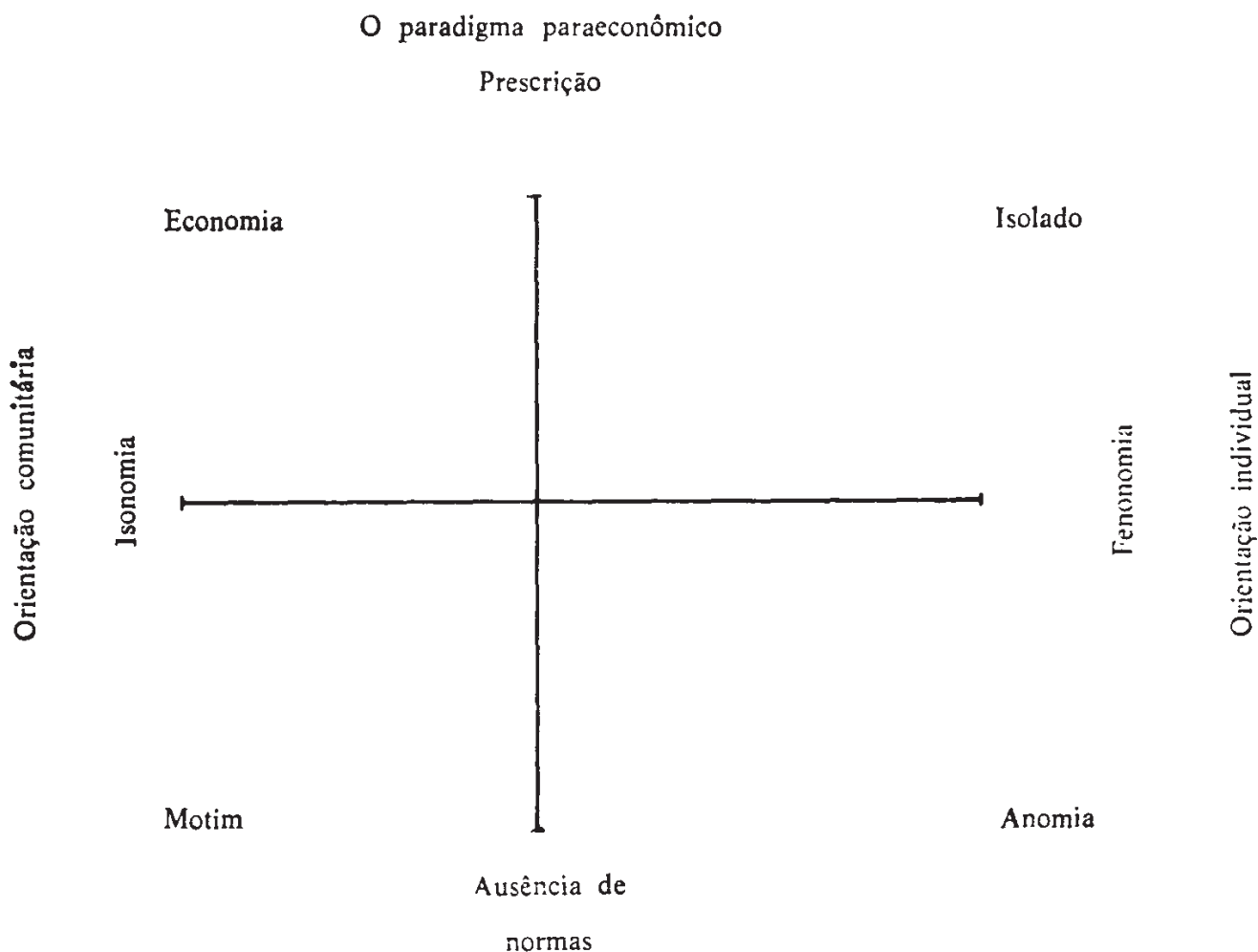
Formal	Substantiva
I — Os critérios para ordenação das associações humanas são dados socialmente	I — Os critérios para a ordenação das associações humanas são racionais, isto é, evidentes por si mesmos ao senso comum individual, independentemente de qualquer processo particular de socialização
II — Uma condição fundamental da ordem social é que a economia se transforme num sistema auto-regulado	II — Uma condição fundamental da ordem social é a regulação política da economia
III — O estudo científico das associações humanas é livre do conceito de valor: há uma dicotomia entre valores e fatos	III — O estudo científico das associações humanas é normativo: a dicotomia entre valores e fatos é falsa, na prática, e, em teoria, tende a produzir uma análise defectiva
IV — O sentido da história pode ser captado pelo conhecimento que se revela através de uma série de determinados estados empírico-temporais	IV — A história torna-se significativa para o homem através do método paradigmático de auto-interpretação da comunidade organizada. Seu sentido não pode ser captado por categorias serialistas de pensamento
V — A ciência natural fornece o paradigma teórico para a correta focalização de todos os assuntos e questões suscitados pela realidade	V — O estudo científico adequado das associações humanas é um tipo de investigação em si mesmo, distinto da ciência dos fenômenos naturais, e mais abrangente que esta

Em decorrência, o mundo de nossos dias está construindo um novo modelo, capaz de substituir o modelo contratado no mercado, da teoria social clássica. O novo é um paradigma multicêntrico, em que há lugar e convivência para experiências polares. De um lado, a orientação comunitária, que produz o sistema *economia*; que massifica e igualiza através do sistema *isonomia*; mas que prevê o *motim*. Observe-se a figura 1.

Nela, do outro lado, está a orientação individual, onde cabe o indivíduo *isolado*; onde é possível o processo de *anomia*; mas também lá está a possibilidade de um mundo muito especial, o do sistema apelidado de *fenonomia*. Neste o indivíduo, ou um pequeno grupo, permite a si ou a seus membros o máximo de opção pessoal e um mínimo de subordinação a prescrições operacionais. É um

esforço de expressão (em grego *phaneim*, igual a “mostrar”), expressão autônoma e automotivada. As fenomenias são cenários sociais — escreve Guerreiro Ramos — protegidos contra a penetração do mercado. “É essencial que delimitemos a influência das organizações econômicas sobre a existência humana.”²³

Figura 1



“Embora interessado em sua própria singularidade, o membro da fenomenia tem consciência social. Na verdade, sua opção não significa o abandono da sociedade como um todo, mas visa a tornar outros indivíduos sensíveis quanto a possíveis experiências que são capazes de partilhar ou de apreciar.”²⁴

Para quem antes citou o *Sermão da montanha*, o livro se encerra com palavras de humildade. Diz o autor: “Num sentido a *nova* ciência das organizações não é realmente nova, porque é tão velha quanto o senso comum. O que é novo

²³ Id. *ibid.* p. 191.

²⁴ Id. *ibid.*, p. 152.

são as circunstâncias, nas quais precisamos, mais uma vez, começar a dar ouvidos ao nosso eu mais íntimo.’’²⁵

A fenonomia parece ter sido o projeto final de experiência de vida própria, em Alberto Guerreiro Ramos, homem planetário, cidadão do mundo, mas brasileiro da Bahia, negro nascido em Santo Amaro da Purificação.

²⁵ Id. *ibid.*, p. 201.